

Discurso de Abertura para o Congresso da AICA

Prof. Jacques Leenhardt - Presidente da AICA

SENHOR GOVERNADOR DE MACAU

SENHOR SECRETÁRIO ADJUNTO
PARA A COMUNICAÇÃO, TURISMO E CULTURA

SENHOR PRESIDENTE DO LEAL SENADO

SENHOR REPRESENTANTE DO DIRECTOR GERAL DA UNESCO

SENHORAS E SENHORES

AMIGOS DA AICA

É para todos nós um momento de intensa emoção. Nos últimos dois anos, temos esperado a ^{realização} construção deste sonho : reunir no oriente mesmo os especialistas e os amantes da arte contemporânea, num diálogo amplo na sua temática e profundo nas suas implicações.

Isto era um sonho, já que a nossa associação pela sua história, sempre esteve animada por críticos ocidentais.

Isto tem muito a ver com a história, ainda mais com a história intelectual das nossas culturas. Até a palavra "crítica" tem um âmbito da cultura oriental.

O que é crítica ? Um juízo / ou uma maneira de desenvolver, pela Língua, as possibilidades do sentido de uma obra de arte. As nossas tradições ^{orientais} sempre mantiveram essa ambiguidade, um espaço pouco determinado entre um discurso que julga ~~jurídico~~ o qual julgo um papel fundamental na

construção do edifício socio-político das democracias estabelecidas sobre o contrato e o livre arbítrio do indivíduo, e o discurso poético, pouco interessado nas apostas políticas, mas fundamentalmente orientado para uma aproximação do ser humano e dos seus problemas, ^{MAS} a uma problemática mais ampla, o qual chamaremos de antropológica.

Portanto a palavra "crítica", e também a função crítica na sua própria ambiguidade constitui um objecto simbólico, talvez o objecto ^{do nome} encontro, que a cultura oriental sempre escolhe, em lugar da determinação reductiva, um modo discursivo, o qual prefere circunscrever lugar de apontar ou determinar. O "desvio", como escreve François Julliere, é uma estratégia muito oriental.

Na crítica de arte, o juízo está associado ao desvio poético. Portanto, a crítica de arte, na sua essência encontra-se numa situação típica de conflito interno oriental/ocidental.

Agora, aqui estamos em Macau. Quer dizer que esta cidade, na sua posição geográfica tal como histórica, sempre foi um ponto de convergência dessas duas tradições.

Esta convergência nota-se evidentemente na população, mas também na cultura, quero dizer na arquitectura como na comida, nas artes como nos comportamentos.

Este é ^o ponto, que eu gostaria hoje de sublinhar. Temos vindo a trabalhar neste sentido desde há 2 anos, como já lembrou o Senhor Presidente, do Leal Senado. ^{o Sr. Salazar Magalhães} Isto é o normal. O que não pertence à normalidade, sempre fechada nas suas actividades repetitivas, foi a facilidade de nos compreendermos, a milhares de quilómetros de distância e de preocupação.

Este diálogo cultural, isto é, a realização do sonho, isto é, um primeiro passo envolvendo em primeiro lugar Macau, mas também Cantão e Hong Kong, foi um primeiro passo atee uma compreensão mais ampla.

Não sonho pela anulação das diferenças culturais, pelo contrário penso que estamos aqui poque já começamos a aprender a falar juntos, a criticar poéticamente as nossas peculiaridades, abrindo o caminho do diálogo para nós e para a gerações vindouras.

Esta possibilidade devemo-la à colaboração prestada por Macau, nomeadamente pelo Governo, pelo Leal Senado, pela Fundação Oriente, e não quero esquecer o Presidente da República Portuguesa e aos nossos colegas da AICA de Portugal os quais estiveram comprometidos desde o começo na realização deste Congresso.

Espero estar-nos à altura destas generosas propostas.